

Argentina

Valorização da soja

A CAPACIDADE diária de processamento de oleaginosas da Argentina avança rapidamente, em comparação a do Brasil e a dos EUA. Na liderança das exportações mundiais de óleo e farelo de soja, os argentinos irão elevar sua capacidade de processamento diário para 154.175 toneladas até o fim de 2007. Isso aumentará em 34% a capacidade de processamento de soja que, no momento, é de 115 mil toneladas por dia.

A Argentina se aproxima do nível dos Estados Unidos, cuja capacidade é avaliada em 159 mil toneladas. Esse desempenho é explicado pelos fatores de competitividade na produção da matéria-prima relacionados a custos mais baixos no plantio, uso reduzido de fertilizantes, poucas barreiras climáticas, solo fértil, e poucos problemas sanitários, como a ferrugem asiática. Para o Brasil, as estimativas de esmagamento diário totalizam 143.205 toneladas para os próximos dois anos.

Como o consumo de oleaginosas é mínimo, em comparação ao do Brasil e dos EUA, a Argentina exporta a maior parte da produção (cerca de 95%). Além disso, como suas lavouras estão próximas aos portos e às indústrias, a redução dos custos de transporte permite preços mais competitivos para seus produtos.

Novas plantas

Graças a investimentos recentes, a Argentina montou algumas das unidades mais modernas para o processamento de oleaginosas do mundo, com elevada escala de operação. Até o final de 2007, a capacidade média de processamento de suas fábricas totalizará 3.280 toneladas por

Argentina – Produção de oleaginosas

Oleaginosas	Milhões de hectares			Milhões de toneladas		
	2004/05	2005/06	Var%	2004/05	2005/06	Var%
Soja	14.400	15.329	6,5	38.300	40.200	5,0
Girassol	1.970	2.260	14,7	3.800	3.800	0,0
Amendoim	212	155	-23,6	445	330	-25,8
Linho	37	47	27,0	36	54	50,0
Colza	16	7	-56,3	26	10	-61,5
Cartamo	49	27	-45,0	51	19	-62,7
Total	16.684	17.825	6,8	42.658	44.413	4,1

Fonte: Secretaria da Agricultura



dia, acima das 1.235 toneladas do Brasil e 2.271 toneladas dos EUA. Mas o país não pode descuidar da infra-estrutura se quiser manter a taxa atual de crescimento da produção.

A partir do pleito da Câmara da Indústria de Óleos Vegetais da República da Argentina (Ciara), há dois anos, o governo fez a revisão da legislação das operações de *drawback* (importação) de soja a fim de permitir a compra em países vizinhos com o propósito de processá-la em farelo e óleo de soja.

Com capacidade anual para processar 43,5 milhões de toneladas em 2007, a Argentina teria interesse em importar 3 milhões de toneladas de soja dos países vizinhos, como Paraguai, Bolívia e Brasil. No passado, as maiores compras eram do Paraguai, mas nada impede importar maior quantidade do Brasil.

Safra 2005/06

Apesar das condições climáticas desfavoráveis para os cultivos na Argentina, com tempo seco e quente em suas fases críticas de desenvolvimento, a safra 2005/06 registrou a segunda maior produção da história, de 76.380.000 de toneladas. O país é o maior exportador mundial de milho e o terceiro maior produtor mundial de soja.

A colheita da soja chegou a 40,2 milhões de toneladas, com um crescimento de 5,0% em relação à temporada anterior, enquanto a produção de milho do país diminuiu 20%, para 19,2 milhões de toneladas. A soja é empregada principalmente na produção de rações e de óleo de cozinha. O milho é processado para produzir rações, combustíveis e adoçantes.

Nas oleaginosas, a área semeada chega a 17,8 milhões de hectares, que representa um incremento de 6,8 % em relação ao

último ciclo agrícola, com incrementos em soja, girassol e linho. Já a produção total está estimada em 44,4 milhões de toneladas, com aumento de 4,1 % em relação à anterior.

A produção total de cereais da safra 2005/06 teve um resultado inferior em 25,4 %, quando comparada à anterior, devido ao fato de que todos os cultivos, exceto arroz e milho apresentaram menores produções que na campanha precedente.

A Associação Argentina de Milho teme que o governo imponha limites às exportações de grãos, como forma de baixar a inflação, como fez com outros produtos, como carne bovina e trigo. Essa situação preocupa e pode levar a uma diminuição na área plantada na safra 2006/07, em fase de semeadura. Uma colheita menor aumentaria os preços e, assim, o efeito seria o oposto do pretendido pelo governo. ■



Incentivo à exportação de biocombustível

O governo argentino acaba de sancionar uma lei de incentivo ao desenvolvimento de biocombustíveis. A meta é gerar fundos para transformar o país em um dos maiores exportadores de biodiesel ou etanol. Para a Associação Argentina de Biocombustíveis, com o barril de petróleo a mais de US\$ 70, o horizonte está mais aberto para o desenvolvimento dos biocombustíveis.

A Argentina decidiu seguir os passos da União Européia (UE) e aprovou uma lei que prevê incorporar no ano 2010 pelo menos 5% de biocombustíveis nas naftas e diesel consumidos no país, contra 5,75% na Europa.

Para cumprir a legislação será necessário aproximadamente um milhão de metros cúbicos de biocombustíveis em 2010, dos quais dois terços serão de biodiesel. Neste ano, a UE precisará de cerca de 15 milhões de toneladas de biocombustíveis, grande parte das quais deverá importar. Uma oportunidade para a nação gerar capacidade de produção de biocombustíveis, sobretudo de biodiesel, obtido a partir do óleo vegetal como o de soja. A Argentina é o terceiro produtor mundial de soja.

Por enquanto, a capacidade de produção da Argentina é extremamente limitada. Algumas pequenas empresas tiveram de reduzir em 10 vezes a quantidade de biodiesel que se comprometeram a vender para a Alemanha nos próximos anos, por capacidade insuficiente de produção. A situação, no entanto, poderá melhorar rapidamente dado o crescente interesse dos grandes fabricantes de óleos vegetais no setor de biocombustíveis.

A área de cultivo de soja aumentou de 6 milhões de hectares em 1995/96 para 15 milhões de hectares em 2005/2006 na Argentina, um dos poucos países, ao lado do Brasil, que ainda podem aumentar significativamente a superfície destinada a esse cultivo. A oleaginosa, cujos preços não deixam de aumentar frente a um custo de produção relativamente baixo, não pára de crescer no imenso pampa argentino. Para alguns críticos, isto ocorre em detrimento de outros cultivos, da criação de gado e, sobretudo, causando empobrecimento considerável das terras, com o risco de esgotá-las com o tempo.